

PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Jussara Cassiano Nascimento¹

O campo da investigação e da produção do conhecimento tem procurado conhecer como cada um de nós vem se fazendo professor/a e, para isso, se faz necessário pesquisar a vida cotidiana com suas emoções e lutas que acabam por constituir o processo identitário de cada um de nós, pois cada um tem seu modo próprio de organizar suas aulas, de utilizar os meios pedagógicos, de resolver problemas, de enfrentar o imprevisível do cotidiano. Esta maneira própria de ser e de se constituir de cada um de nós profissionais da educação é, no entender de Nóvoa (2000, p. 16) o que se constitui uma “espécie de segunda pele profissional”.

A partir dos anos oitenta, assistimos a uma diversidade de teorias e práticas pedagógicas que caracterizam uma mudança de eixo que supera uma racionalidade técnica como modelo único de formação para uma diversidade de concepções que valorizam a experiência vivida. Os docentes vão sendo reconhecidos como portadores de um saber plural, crítico e interativo que se funda numa práxis. Portanto, colocar a pessoa do professor como uma das centralidades do processo formativo é fundamental uma vez que permite entender o significado do desenvolvimento pessoal no processo profissional do trabalho docente.

Urge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida (NÓVOA, 1995, p. 25).

Dentre outros saberes, a experiência do trabalho docente é percebida como elemento de formação capaz de valorizar o papel dos saberes da experiência. Sendo assim, o cotidiano das práticas escolares, os estudos de caso e a escola em si tem assumido papel relevante na formação continuada de professores.

Nóvoa (1992) nos adverte que não se pode reduzir a prática educativa e a vivência escolar a princípios técnicos e racionais porque os sujeitos e atores que constituem o cotidiano escolar conclamam novas formas e pressupostos que referendam a prática docente e os processos de aprendizagem.

Ao trazer as narrativas (auto) biográficas para o centro do método biográfico, o que nos interessa, sobretudo é a sua pregnância subjetiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador, relatando uma práxis humana. Se queremos utilizar o potencial heurístico da biografia com suas características essenciais que são a subjetividade e a historicidade, devemos nos projetar para fora do quadro epistemológico clássico. Portanto, o método biográfico dirige-se quase sempre ao indivíduo; pretendendo atribuir à subjetividade um valor de conhecimento.

Através dessas narrativas encontramos possibilidades de reflexão sobre a formação que muitas vezes, têm sido ignoradas por regimes de verdades sobre a profissão. Ecléa Bosi (2006, p. 69) nos traz uma importante contribuição quando afirma que “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar onde ela floresceu”. Ou seja, precisamos encontrar espaços na pesquisa que reconheçam e legitimem as narrativas, como fontes para a formação inicial e continuada de outros professores/as.

¹ Universidade Católica de Petrópolis - UCP. Cidade do Rio de Janeiro. Estado do Rio de Janeiro. E-mail: professorajussara@yahoo.com.br.

Narrativas que revelam a trajetória de formação

Apresento narrativas autobiográficas de quatro professoras alfabetizadoras da rede pública de ensino que aceitaram compartilhar suas histórias de vida e formação. Desejo encontrar pistas sobre a formação dessas professoras, desde o período inicial de sua escolarização e assim compreender como foram se tornando professoras alfabetizadoras que alfabetizam as crianças das classes populares.

Ana Paula Venâncio, Isabel Pires, Michele Martins e Cláudia Barbosa, são as professoras que foram entrevistadas e que exercem suas atividades docentes, em diferentes escolas da rede pública, na Cidade do Rio de Janeiro, mas tem em comum, o sucesso quando alfabetizam crianças das classes populares. São narrativas singulares, mas que ao serem narradas, recriam sentidos, me possibilitando fazer ligações entre a complexidade do real e as experiências cotidianas de suas vidas.

As histórias dessas professoras são ao mesmo tempo singulares e plurais, porque permitem trazer à tona fatos ligados à memória individual que também é coletiva. Apesar de estarem na mesma cidade, nesse exercício de rememorar, apresentam seus modos próprios de pensar a prática alfabetizadora e, nesse contexto, trazem suas narrativas, apontando o que para elas foi fundamental para que desenvolvessem uma prática alfabetizadora de sucesso:

[...] Depois de realizar muitos cursos e anos de exercício nessa prática alfabetizadora eu cheguei à conclusão de que a gente já fazia tudo, não era preciso esquecer o que já sabíamos para alfabetizar as crianças [...] Professora Cláudia Barbosa

[...] foi preciso que eu lesse muito, trocasse informações com outras colegas e fosse testando no dia a dia com as crianças. Portanto, é fundamental ter alguém para trocar as experiências e informações sobre o que deu certo e o que não deu, o que precisa melhorar ou o que ficou bom. A troca é fundamental [...] Professora Michele Martins

[...] então, minha forma de trabalhar foi mudando, mas foi mudando devagar. Eu ia e voltava, caía em algumas armadilhas, mas com isso, a gente amadurece, refaz, reconhece o erro, mas sempre buscando outros modos de fazer. Eu queria modos diferentes daqueles que fizeram comigo na infância, eu queria modos que valorizassem o saber dos meus alunos [...] Professora Ana Paula Venâncio

(...) a partir do momento em que passamos a conhecer e compreender como as crianças aprendem e quais são as etapas que elas passam, a gente compreende essa questão da ‘cobrinha’, que antigamente pensávamos que o menino não sabia nada, hoje sabemos que ele está iniciando sua escrita. Então, a principal mudança foi a de termos o conhecimento de como as crianças aprendem. [...] Professora Michele Martins

[...] Sei que ainda cometo muitos erros no meu trabalho, mas procuro superar, conversando com outras professoras mais experientes e faço cursos que me ajudem a enfrentar os desafios na minha prática [...] Professora Isabel Pires

[...] se hoje eu tenho um trabalho que me deixa feliz é porque tiveram pessoas na minha vida que foram interferindo, que foram me ajudando a sair daquele

lugar que via o outro como uma pessoa muito distante [...] Professora Ana Paula Venâncio

Sabemos que o cotidiano humano é marcado pela troca de experiências e pela maneira singular como narramos às histórias vividas, portanto, quando o sujeito entra em contato com as experiências que viveu e que vive, movimenta-se numa relação de diálogo entre a vida humana e o conhecimento.

Pérez (2003, p. 54) ao referir-se à subjetividade construída pela narrativa nos fala que “narrar é seguir um rastro perdido na memória: tempo e trama, estruturas narrativas em função das quais cada pessoa organiza suas experiências, atribuindo-lhe significados”. Ao trazerem em suas falas as dúvidas, incertezas, contradições e medos, demonstram que projetam sua visão da sociedade e do ato pedagógico a partir da historicidade das relações consigo mesma e com os outros e sendo assim, inserem suas práticas alfabetizadoras em redes de significados que construíram ao longo da vida.

Para Souza (2006), “a narrativa de si remete o sujeito a vivenciar, no seu processo de formação, experiências formadoras e aprendizagens experienciais em suas identidades e subjetividades” (p. 170). Quando narramos essas histórias, combinamos em nosso mundo interior as percepções que recolhemos do mundo exterior, dando forma às nossas ideias e pensamentos.

Nilda Alves em texto intitulado “*Os romances das aulas*”, informa que:

[...] para compreender os processos de tessitura do conhecimento nos cotidianos das escolas, bem como aqueles da formação cotidiana do professor/professora, é preciso contá-los. Isto significa entender que é necessário ouvir o que seus sujeitos têm a dizer sobre as tantas e tão diferentes histórias vividas das artes de fazer (ALVES, 2000, p. 08).

Portanto, neste estudo, não busquei conhecer as práticas que essas professoras alfabetizadoras desenvolvem, assistindo suas aulas; busquei conhecer as trajetórias de formação, através do que elas narraram sobre os contextos nos quais continuam se formando: o cotidiano da escola e as relações que estabelecem com os outros.

Considerações finais

Realizar um estudo pautado nas experiências que adquirimos ao longo da vida serviu de suporte para que eu pudesse compreender minha própria formação e os processos de formação experienciados pelas professoras que colaboraram com esse estudo.

O ato de narrar possibilita ao professor reconstruir experiências e refletir sobre dispositivos formativos a partir das experiências que construiu ao longo da vida. Ao rememorar, passamos a refletir sobre a maneira como compreendemos nossa própria história e a formação daqueles que nos cercam, trazendo à tona aspectos que julgamos ser da maior relevância.

Refletir sobre a formação da professora alfabetizadora em uma perspectiva biográfica tem sido, um constante desafio, uma vez que nossas ações são movidas por crenças incorporadas pelas múltiplas experiências que nos marcam.

Investigar a trajetória de formação da professora alfabetizadora em um trabalho de cunho autobiográfico não foi tarefa fácil, pois a maioria de nós, professoras, vivenciou uma formação inicial onde a aprendizagem pela memorização e reprodução dos conteúdos era valorizada em detrimento da crítica e da reflexão.

Embora a “Psicogênese da Língua Escrita” (Ferreiro & Teberosky, 1986), represente um grande avanço na área da alfabetização, o enfoque dado não pode ser generalizado, pois, se a

língua é entendida como objeto histórico e cultural, como considerar única as hipóteses que as crianças levantam sobre a escrita?

Durante muito tempo os estudos de cunho autobiográfico, onde a subjetividade e a historicidade se destacaram, foram desconsiderados pela forma positivista de realizar pesquisas, pois não se compreendia a importância de trazer para o centro dos debates, o pensamento humano e suas relações com o conhecimento.

Segundo Nóvoa (1995), os estudos com (auto) biografias de professores têm destacado a importância de examinar os processos de formação para além dos saberes técnicos, articulando as dimensões pessoais e profissionais com o propósito de recuperar um certo paradigma perdido da investigação educacional.

Lançando mão da narrativa autobiográfica o sujeito procura conferir sentido à própria existência, pois povoam de emoções, frustrações, alegrias e conhecimentos que foram adquirindo ao longo dos tempos. Essas narrativas são importantes, pelo fato de valorizar uma compreensão que se desenrola no interior da pessoa e, se fazem necessárias porque colocam o sujeito no centro das problemáticas e investigações.

A formação de professores pode ser compreendida como resultante dos múltiplos contextos dos quais a professora participa: através das experiências vivenciadas, nas trocas e discussões com seus pares, no cotidiano da sala de aula, nos encontros oficiais (ou não) de formação, etc. e, portanto, não pode ser considerada como um momento único. Precisa ser compreendida como uma formação que acontece ao longo da vida.

Assim, o processo de formação e de conhecimento visto a partir de uma perspectiva biográfica, acentua os recursos experienciais acumulados, demonstrando aquilo que os sujeitos aprenderam nas circunstâncias da vida.

Referências

ALVES, N. Os romances das aulas. **Revista Movimento: Profissão docente – teoria e prática**, n. 2, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BOSI, E. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERREIRO E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

NÓVOA, A. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1992.

_____. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

_____. **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

_____. **Profissão Professor**. Porto: Porto, 1999.

PÉREZ, C. L. V. **Professoras Alfabetizadoras**. Histórias plurais, práticas singulares. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si**: Estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador, BA: UNEB, 2006.